

# 14º CONCURSO FNLIJ LEIA COMIGO! 2015

## Relato Real

*À AQUELA QUE LEU PARA MIM O PRIMEIRO LIVRO*

Autora: Mayra Coelho

Curitiba - PR

No segundo ano da década de cinquenta minha família voltou a morar na casa de minha avó paterna, onde eu havia nascido. Era um tempo hostil, os sons da Grande Guerra ainda ecoavam na lembrança de todos, e as notícias chegavam por um velho rádio. Éramos pobres, e formávamos um grupo marcado por tragédias, mas eu ainda não sabia disso, tampouco podia imaginar o que me reservava o futuro.

Foi ali, quando eu começava a soletrar a aventura da galinha pedrês na cartilha, que toda a minha história de vida se definiu. Minha avó sentava-se na cadeira de balanço, colocava-me no seu colo e percorria aquelas poucas palavras da lição escolar com o dedo, enquanto esperava pelo meu esforço em juntar as letras, as sílabas, até dar sentido à minúscula parábola. Quando percebeu o meu encantamento em desvendar aqueles sinais gráficos, abriu uma portinhola do seu armário de guardados e tirou um livro de capa brilhante e colorida, era Simbad o marujo. Foi a primeira leitura que fez para mim. Escutei embevecida, e decidi que quando crescesse iria para o mar, fosse ele o que fosse, pois a maior água que eu havia visto até então era o alagado que se formava no quintal sempre que chovia. Depois, As viagens de Gulliver, e eu quis ser uma descobridora de novas terras e povos desconhecidos. Com meu progresso na escola, comecei a ler sozinha, Os três mosqueteiros, Viagem ao centro da terra, As aventuras de Robson Crusó, e nunca mais parei.

Enquanto isso, a realidade acontecia ao meu redor. Meu pai estava sempre ausente, em acampamentos distantes fazendo medições de terras, voltava para curtos períodos os quais passava mais no bar, embriagado, do que conosco. Cercava-me um permanente temor do que poderia acontecer quando ele voltasse, tarde da noite. Não eram raras as discussões, as agressões contra minha mãe, as ofensas que lhe dirigia. Para mim e meus dois irmãos, reservava um regime militar, sentávamos à mesa empertigados, obrigados a comer em silêncio, vivendo em constante sobressalto.

Nunca desvendei os seus mutismos; caminhava pelo quintal, as mãos às costas, murmurando consigo mesmo, distanciado de todos como se o nosso cotidiano não o interessasse. Porém, nas muitas vezes em que fui ao bar para chamá-lo, surpreendi um homem falante, rodeado de ouvintes atentos, para os quais ora explanava assuntos de política, de filosofia, outras vezes declamava poemas clássicos com desenvoltura de uma inteligência brilhante. Hoje penso nele como alguém que estava acima do mundo que lhe tinha sido destinado, e não conseguindo tornar-se dócil a esse arremedo de vida, embriagava-se para amortecer tanta dor.

Eu continuava lendo, cada vez mais e melhor, mas com frequência pedia à minha avó, leia comigo... Eu precisava daquele aconchego, de sua voz, de seu colo, das suas mãos virando delicadamente as páginas, como a me garantir que de cada uma delas um universo diferente do meu se ofereceria para me salvar.

Quando completei oito anos, meu pai teve um episódio de delírio. Andava pela casa falando com suas visões, tremia e suava, sem aquietar-se. Lembro-me que fiquei com ele o tempo todo, segui-o pelos cômodos, assustada com a possibilidade de que a qualquer momento ele fosse tragado por aqueles perseguidores invisíveis com quem se debatia em sua loucura. Quando cessou, procurei um livro para ler; dessa vez não chamei minha avó, refugie-me sob um grande cipreste que havia no canto da cerca de madeira e fiquei lá até as vozes daquela história falarem mais alto do que as dos meus medos.

Um ano depois, ele adoeceu. Não se queixava, mas eu sabia que estava sofrendo, e intuía que a dor maior lhe vinha da alma. Morreu no meio de uma manhã, no final do inverno. Vi minha mãe e minha avó ao seu lado, dilaceradas diante daquele homem que apesar de amarem profundamente não tinham conseguido salvar.

Eu já tinha lido e relido todos os livros que havia na casa, e não imaginava onde conseguir outros, até que descobri que as farmácias distribuía almanaques, que passaram a ser minha leitura. Não tinham o mesmo encanto dos livros, mas foram necessários naqueles dias de silêncio e luto.

Eu crescia, o sofrimento da alma não interrompe isso, frequentava a escola e senti-me cada vez mais órfã de afeto e atenção. Tive pneumonia e permaneci inconsciente durante vários dias. Quando voltei daquele estado nebuloso de febre, pedi água, bife e um livro. Era o que eu precisava para confirmar que ainda estava entre os vivos. Alguns meses depois, minha mãe anunciou que íamos morar em outra cidade, na região das Missões, onde viviam seus parentes. Aquela decisão me separava de minha avó e dos livros, que lhe pertenciam, e deixava para trás a parte mais preciosa da minha infância. Foi quando entendi de maneira clara o significado de perda.

Graças a uma bolsa de estudos do governo, fui mandada para um colégio interno. Resolvi a carência de livros me oferecendo para ser responsável pela acanhada biblioteca da escola. Também consegui que minhas colegas do externato trouxessem livros para mim. Eu os escondia sob o uniforme, da melhor maneira que pudesse, lia-os à noite no corredor entre os dormitórios, onde uma lâmpada ficava sempre acesa, sentada nos ladrilhos frios. Li tudo o que me chegou às mãos com a voracidade de um náufrago ao encontrar chão firme. Os livros condenados pelo rígido código moral da escola, eu os li aos doze, treze anos. Lembro que muitas vezes não entendia bem, mas vejo que tudo ficou em algum lugar da memória, e emergiu na hora e lugar certos. Li muitos dos clássicos antes de completar quinze anos, decorei poemas, para poder evocá-los quando o livro já não estivesse mais comigo, aprendi a fazer sopa lendo *Sem família*, de Hector Malot, e a história me ajudou a enfrentar com criatividade as minhas próprias privações.

Nunca viajei pelo mundo, nem descobri novas terras, e só fui conhecer o mar já adulta, minhas excursões foram nos embates do cotidiano, criando filhos, trabalhando, enfrentando uma viuvez precoce, e em cada momento lá estavam todas as páginas dos livros que li, ainda abertas, ainda me contando histórias sobre o mundo e as gentes, me convidando à mais uma maravilhosa aventura. Até que, já na maturidade, tornei-me escritora. E este relato é para aquela que leu comigo o primeiro livro, num dia perdido no tempo, mas vívido na minha memória.

## **Relato Ficcional**

### *PERSONA*

Autor: José Antonio de Sousa Neto

Belém do Pará – PA

Nas tardes, depois do almoço, Policarpo encontrava a paz na biblioteca da cidade. Lugarzinho simples, mas sempre bem movimentado, com muitos jovens, imberbes, à caça de trabalhos para obterem notas em suas disciplinas escolares. Era bom vê-los manuseando os livros, ainda que não soubessem o sabor que tinham. Perguntassem-lhes da textura do papel, dos traços característicos dos personagens, do autor, da gramatura da folha, as respostas inexisteriam. Mas havia uma esperança, e isso reconfortava...

Poderia, é bem verdade, emprestar os livros e lê-los em casa, mas nada pagava aquela tranquilidade, o aconchego e o odor dos papéis antigos nas estantes. O sol que entrava pela janela não chegava a incomodar. Outra coisa atrativa era que na biblioteca não havia ar condicionado. Deixava-se a janela aberta para a brisa calma presentear os leitores — e ainda que vez ou outra ela se atrevesse a folhear, antes da hora, a página, nada a fazia deixar de ser bem vinda. A claridade ajudava deveras... Ainda mais a ele, que precisava dela para ler com mais calma e entendimento. A luz passou a rarear em sua vista de uns tempos para cá. A idade chegava e tomava posse de seu corpo: inquietada.

A aposentadoria trouxe-lhe o que mais sentia falta: tempo. Tempo para ler, para se dedicar aos personagens, para entender melhor das edições dos livros, coisa que sempre lhe chamou a atenção: capa, fontes, ilustrações, gramatura do papel, tipo de papel, orelhas, sumários, e tudo que formava o corpo vivo do livro, suas artérias, sua pele, seu sangue... Os livros são seres vivos... para quem tem sensibilidade de perceber. Ele tinha! Ah, e como! Quando lia, não o fazia somente em relação à história. A leitura era completa, começando pela textura da capa, tipo de letra utilizado... até chegar aos personagens, suas histórias de vida, o enredo enfim, o que lhe dava mais prazer.

Chegava à biblioteca sempre no mesmo horário: quatorze horas. Ia caminhando pela rua de terra até chegar à de asfalto — ou o que os políticos pensavam ser asfalto — aproveitando-se das sombras dos ipês e jacarandás. Em sua alma o medo de um dia não ter mais o que ler na pequena biblioteca de alguns milhares de exemplares. A maioria deles de livros didáticos doados pela cooperativa de papel reciclado, que os recolhia na capital. Literatura mesmo, só quando o prefeito tentava disfarçar os seus desvios de verbas adquirindo exemplares novos para a biblioteca, muito aquém do propalado por ele, mas para Policarpo (avesso à roubalheira pública) o que interessavam eram os livros: romances, contos, poemas e crônicas. Ficção em mais alto grau. Histórias que o salvavam da mulher insensível, dos filhos e seus problemas, da nora no aperreio de cuidar do marido e dos filhos no quartinho de dois cômodos em que foram morar depois de serem despejados. Os problemas ficavam em casa, a anos-luz de distância dos livros: seus tesouros.

Pensou várias vezes em escrever suas próprias histórias. Criar seus mundos, ter o poder de manipular vidas, destinos, falas, pensamentos. Mesmo que fosse uma ilusão, pois toda literatura e mesmo o seu fazer é ilusão, nuvem,

efemeridade, mesmo assim queria. E queria mais: poder viver suas histórias, ser um personagem vivo, posto que todos o são. Por isso passava horas sentado, até a claridade não ser suficiente, ou a mocinha da biblioteca avisar-lhe que precisava fechar o recinto — e dizia isso como que se desculpando pela impaciência do namorado a olhar o relógio, em pé, no balcão. Os jovens e suas impaciências. Deixaria para outro dia o término de Ulisses, ou a continuação de Seminário dos Ratos ou ainda o início de Chove nos campos de Cachoeira. Até que era boa a interrupção, pois deixava uma réstia de ilusão para ele maturar em casa — e com isso se afastar mais um tempo dos problemas domésticos, da insensibilidade dos que o rodeavam.

A intensidade da leitura o fazia visualizar os personagens, como se estivesse diante deles. Conversava com eles quando estava sozinho. Achava por vezes estar ficando louco. Mas se fosse loucura ter diálogos sábios, poder conviver com personas, como os chamava — um interstício entre pessoas e personagens, era maravilhoso: discutir enredos, reelaborá-los, refazer falas, ainda que fosse muita audácia interferir nas histórias, o fazia com prazer. E muitos dos personagens concordavam com ele, se bem que nada pudessem fazer: eram um brinquedo nas mãos de seu autor.

Naquele dia, seguiu para a biblioteca como de costume. Antes de sair, despediu-se dos netos, deu um beijo na mulher (o que a espantou muito pelo descostume da atitude) e marchou impávido. Precisa começar uma nova leitura. Chegara remessa fresquinha e ele queria ser o primeiro a sorver o cheiro de livro novo, sempre bem vindo. A tarde estava tranqüila. Não havia sol e poder-se-ia dizer até que chuvas viriam. A brisa fria em plenas duas horas da tarde era refrescante.

Sentou-se e começou a leitura de um romance novo. Foi então que de repente um trovão e uma forte ventania tomaram conta do lugar. Coisa estranha, o temporal repentino, apesar do tempo diferente lá fora. A mocinha correu para fechar as janelas, mas um raio e um clarão adentraram o ambiente fazendo-o deixar cair o livro que segurava e desmaiar.

Acordou assustado. Policarpo estava em outro lugar. Não só em outro lugar, mas em outra época, com outras roupas e um incomodativo pince-nez. Era agora um homem pequeno, magro, com olhar sempre baixo. Um cheiro característico de papel. Como não percebê-lo, se todo ele agora recendia a tinta e papel? Era, na verdade, todo ele feito de tais materiais. Deixara de ser o Policarpo que lia livros, que passava suas tardes na pequena biblioteca da cidadezinha, aposentado, com uma família difícil. Agora era outro Policarpo: o Quaresma, o personagem de Lima Barreto. Queria falar, mas sua fala não mais lhe pertencia, seus passos, sua vida. Tudo estava programado para ele: deixara de ser pessoa, tornara-se uma persona, um personagem. Viu-se entrando em casa...

*“Quando entrou em casa, naquele dia, foi a irmã quem lhe abriu a porta, perguntando:*

*— Janta já?*

*— Ainda não. Espere um pouco o Ricardo que vem jantar hoje conosco.*

*— Policarpo, você precisa tomar juízo. Um homem de idade, com posição, respeitável, como você é, andar metido com esse seresteiro, um quase capadócio – não é bonito!”*

Sim, as falas, os trejeitos, o cavanhaque, o fraque preto. Era Policarpo Quaresma, e não tinha mais livre-arbítrio. Isso era terrível, tão terrível quanto a situação de Gregor Samsa ao descobrir-se inseto.

Foi então que percebeu um daqueles jovens que iam à biblioteca à procura de anotações, que tratavam os livros feito objetos e não seres vivos, olhá-lo. Mas Policarpo não podia se mexer, ou melhor dizendo, só se mexia conforme o andar da história. Tentou pedir ajuda, mas tão insensível era o rapazola, que jamais iria percebê-lo.

*“O major entrou para um aposento próximo, enquanto sua irmã seguia em direitura ao interior da casa. Quaresma despiu-se, lavou-se, enfiou a roupa de casa, veio para a biblioteca, sentou-se a uma cadeira de balanço, descansando.”* A dor maior, ainda que a não sentisse, era a certeza aterradora que, acabada a leitura do romance, acabaria sua triste história, seria seu triste fim. Repetindose eternamente ou até que outro viesse tomar-lhe o lugar.

Foi então que a mocinha, a tal bibliotecária por quem ele, Policarpo, não dava nada, começou a sugerir o livro Triste Fim de Policarpo Quaresma aos jovens que foram chegando para a realização de um trabalho escolar pedido pela professora. Policarpo teve sua esperança acesa. Não seria mais uma persona, voltaria para sua vidinha de leitor ávido. A leitura compartilhada pelos alunos os faria viver uma aventura além dos livros, além da vida: compartilhando emoções e experiências, como toda leitura deve ser...